



1º DE MAIO 2020

DIA DAS TRABALHADORAS E DOS TRABALHADORES

"LIVRAI O EXPLORADO DA MÃO DO OPRESSOR" (Jr 21,12)



**ESCRavidÃO DOS NOVOS TEMPOS:
A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO**

SOMOS CONVIDADOS E CONVIDADAS A REFLETIR SOBRE AS DIFICULDADES DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS INFORMAIS, PRECARIZADOS/AS SEM SEUS DIREITOS GARANTIDOS, DIANTE DO NOVO CENÁRIO MUNDIAL.

O QUE É PASTORAL OPERÁRIA?

- Somos uma Pastoral Social da Igreja Católica a serviço da classe trabalhadora urbana, organizada, composta e dirigida pelos trabalhadores/as.
- Fazemos parte das Pastorais Sociais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).
- A Pastoral Operária é espaço para reflexão da vida dos trabalhadores e das trabalhadoras à luz da Bíblia e da Doutrina Social da Igreja.
- Atuamos com o objetivo de promover a cidadania plena e o protagonismo dos/as trabalhadores/as empregados/as formais e informais, desempregados/as, aposentados/as, da economia popular solidária, na perspectiva da garantia de direitos e dignidade humana dos trabalhadores/as.

COORDENAÇÃO

Francismarina Martins – Região Sudeste

Iguaracira Fidelis Maia – Região Nordeste

Jardel Neves Lopes – Coordenador Liberado

Luzarina Varela da Silva - Região Norte

Mônica Helena de Andrade Fidelis – Coordenadora Liberada

Padre Miguel Pipolo – Assessor Eclesiástico

Dom Reginaldo Andrietta – Bispo Referencial

REALIZAÇÃO



APOIO



EXPEDIENTE

Capa: Rafaela Bez

Textos: André Langer, Alessandra Miranda, Pe Alfredo Gonçalves, Sandra Quintela.

Revisão: Colegiada Nacional

Diagramação: Jardel Neves Lopes

Responsável pela Publicação: Colegiada Nacional da Pastoral Operária

APRESENTAÇÃO

Em meio ao medo causado pela pandemia do Coronavírus, que se soma a muitíssimos outros sofrimentos que afetam a classe trabalhadora, a Pastoral Operária Nacional, cumprindo sua missão evangelizadora na realidade do mundo do trabalho urbano, propõe que vivenciemos o 1º de Maio deste ano, na forma de reflexão e oração, com quem estamos convivendo no “isolamento social”, sobretudo em família, bem como entre companheiros e companheiras de trabalho, em caso de serviço essencial.

O 1º de Maio é uma data muito significativa para a classe trabalhadora, na qual a Igreja faz memória de São José Operário, pai adotivo de Jesus, que lhe foi, como Maria, também mestre sobre o valor do trabalho e sobre a dignidade dos trabalhadores e trabalhadoras. No ventre de Maria, Deus se fez homem, e na oficina de José, Deus se fez classe, afinal, conforme o Hino de São Paulo aos Filipenses 2,5-11, Jesus, o Verbo de Deus encarnado, assumiu a “condição de escravo”, isto é, de trabalhador do seu tempo.

Em Jesus, Deus não assumiu natureza humana abstrata, mas realidade concreta de trabalhador. Jesus foi um trabalhador manual (*Tektōn*, em grego; traduzido por carpinteiro, cf. Mc 6,3) identificado, portanto, com trabalhadores comuns. Seu “trabalho” evoluiu, por meio de sua “vida pública”, para a “obra” que o Pai lhe confiou. Ele assumiu-a até o fim (cf. Jo 17,4). Sua ação e sua doação total para a salvação da humanidade, tornaram-se missão contínua, confiada aos seus discípulos, enfim, a todos que nele cremos.

Quais são as implicações dessa missão para os cristãos, especialmente trabalhadores e trabalhadoras, frente aos desafios atuais do mundo do trabalho? Os três encontros de reflexão e a celebração, na forma “Ver-Julgar-Agir-Celebrar”, bem como o histórico do 1º de Maio e as informações sobre a 6ª. Semana Social Brasileira, desta Cartilha, visam ajudar-nos a fazer esse discernimento, impulsionar ações e manter viva nossa esperança.

Valorizemos esta cartilha, compartilhando-a amplamente, sobretudo pelas redes sociais, e integrando-a em nossas atividades pastorais, por ocasião do 1º Maio deste ano. Que nossa fé em Cristo Ressuscitado, nutrida pelas reflexões e orações propostas pela Pastoral Operária Nacional, por meio desta Cartilha, ilumine nossa missão comum em favor de uma sociedade verdadeiramente justa e fraterna, sinal do Reino de Deus.

Dom Reginaldo Andrietta, Bispo Diocesano de Jales - SP

INTRODUÇÃO

“Quero trabalhar em paz, não é muito que lhe peço. Eu quero um trabalho honesto, em vez de escravidão” (**Renato Russo**).

Este 1º de maio de 2020, como todas outras comemorações deste período de quarentena pela contenção da pandemia da COVID-19, tem característica diferente dos demais. Talvez seja a primeira vez na história desde 1886, que essa data não terá manifestações nas ruas ou romarias.

A memória do **dia internacional das trabalhadoras e dos trabalhadores** neste ano será em nossas casas, com nossas famílias e nas redes sociais para os que puderem acompanhar. E outros estarão nos postos de trabalho a serviço da vida. Deste modo, o **subsídio** que apresentamos tem uma característica de estudo, de reflexão, interação na família e nas redes sociais.

A **Colegiada Nacional da PO** escolheu como tema **A ESCRAVIDÃO DOS NOVOS TEMPOS: A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO**. Esse tema traz a preocupação com os novos arranjos em torno do trabalho, sem direitos, sem remuneração digna, sem proteção. A pandemia da COVID-19 acentuou essa questão. Famílias trabalhadoras na informalidade, sem direitos, que estão sobrevivendo graças à solidariedade de outras pessoas. Expôs a ferida aberta do capitalismo, da “modernização neoliberal” que aplicou reformas no campo do trabalho, que retira direitos da classe trabalhadora.

Refletiremos sob o lema **LIVRAI O EXPLORADO DA MÃO DO OPRESSOR (Jr 21, 12)**. Se a função das autoridades é defender a vida e o direito dos pobres, quando isso não acontece Deus age contra elas. Esperamos e acreditamos que o direito seja restabelecido e a justiça seja a medida. Todavia, isso é fruto também da luta, da organização, da solidariedade. Quando a classe dos patrões pede o fim do isolamento e o retorno ao trabalho em meio à pandemia, mesmo empresários de grande capital financeiro, significa que **“eles/as sem nós não geram riquezas”**.

A força da produção está em nossas mãos, mentes e corações. Por isso, a organização, a formação e a solidariedade são tão importantes para que não deixemos o valor do trabalho ser substituído por uma nova escravidão: precarização.

Por isso, preparamos um material com **textos, orações, poesias, reflexões**, que possam ajudar a construir pensamento crítico, empoderar consciência de classe, provocar novos estilos de vida, construir o “novo céu e nova terra” em mutirão. Desejamos que esse seja **canal de reflexão** para você que o acessa, que discute com outras pessoas, e que possa também nos enviar suas reflexões, percepção sobre o tema, experiência ou o que desejar.

Boa reflexão e inspiração para nossa ação comum!

ORAÇÃO DO POVO TRABALHADOR



Senhor, Deus da Vida,

Pai e Mãe das trabalhadoras e dos trabalhadores do Brasil, por intercessão do teu fiel operário Santo Dias da Silva, mártir da justiça no mundo do trabalho,

dá-nos força e coragem neste tempo de crise e de dificuldades. Comprometidas/os com o teu Evangelho, unidas/os e organizadas/os, queremos construir a nova sociedade, com emprego para todas/os, com justiça e solidariedade no trabalho, com pão partilhado em todas as mesas, com saúde e educação para nossas crianças, e vida digna para todo povo brasileiro.

Pelo martírio de Santo Dias da Silva e a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, abençoa, Senhor, a Pastoral Operária e o povo trabalhador do Brasil. **Amém!**

VER A REALIDADE

“Trabalho quer dizer dignidade,
trabalho significa trazer o pão para casa,
trabalho quer dizer amar!”

(Papa Francisco - visita pastoral a Cagliari, 22 de setembro de 2013).

ESCRavidÃO DOS NOVOS TEMPOS: A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO



Imagem: <https://paragrafo2.com.br/>

Algo como um tsunami se abateu sobre o mundo do trabalho, arrastando consigo uma série de conquistas históricas dos trabalhadores e deixando no rastro um saldo de desregulação, desproteção e precarização. Se isso não bastasse, a crise econômica provocada pelo **coronavírus ameaça** nos mergulhar em uma situação sem precedentes, com consequências inimagináveis para os **trabalhadores mais precarizados**.

Entre dezembro de 2014 e dezembro de 2017, houve no Brasil, o fechamento de 2,9 milhões de empregos com carteira. As causas são, principalmente, a prolongada crise econômica e a Reforma Trabalhista.

Nesse contexto, um dos argumentos usados a favor da necessidade de uma reforma trabalhista foi a de que ela geraria cerca de seis milhões de empregos. Não é o que os dados mostram e já sabíamos disso antes mesmo da sua aprovação. Entre novembro de 2017, data da entrada em vigor da Reforma Trabalhista, até julho de 2018, foram criados 50.545 empregos formais. Destes, 26.300 são postos de trabalho intermitentes e 13.320 parciais. Ou seja, quase 8 de cada 10 empregos formais foram de contratos “atípicos” e precários, que passam a ser reconhecidos pela nova legislação.

Com outras palavras, a reforma serviu de pretexto para substituir empregos de “melhor” qualidade por empregos intermitentes e tem-

porários. Na realidade, serviu para desonerar os empregadores.

Atualmente, o trabalho informal abrange 41,1% da população economicamente ativa, o equivalente a 38,4 milhões de pessoas, segundo dados do IBGE. Desse total de trabalhadores informais, 24,2 milhões são trabalhadores autônomos. O percentual deles que não possui CNPJ chega a quase 80%.

A informalidade inclui, ainda, as categorias de trabalhadores sem carteira (que totalizam 6,3 milhões, dos quais 71,4% não têm vínculos informais), empregador sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar. O crescimento da informalidade foi determinante para conter o aumento da taxa de desemprego nos últimos anos. De 2014 a 2019, a população desocupada quase dobrou, tendo crescido 87,7% e chegado a 12,6 milhões de brasileiros.

O quadro que se apresenta não é nada otimista. Milhões de brasileiros precisam “se virar” como podem. As desproteções aumentam a servidão, mas também a pobreza. E embutem consequências também psíquicas (saúde), familiares e sociais.

Neste momento, o mundo mergulha no abismo provocado pelo coronavírus. Não sabemos como sairá desta “hibernação” forçada. Está claro, no entanto, que os mais afetados pela paralisação das atividades econômicas são justamente esses trabalhadores que já eram precários, informais e com rendimentos achatados e incertos antes da crise provocada pela pandemia. Acentua-se um tempo de pobreza, extrema pobreza e fome.

Iluminação Bíblica

Deuteronômio 24,14-15 (justiça no trabalho).

DÊ SUA OPINIÃO

1 – Por que não houve muita reação da classe trabalhadora diante das reformas trabalhistas e previdenciária, feitas pelos governos Temer e Bolsonaro?

NOSSO COMPROMISSO

2 - Pensar o mundo do trabalho depois da crise do coronavírus será uma enorme tarefa que nos aguarda. Como devemos enfrentá-la desde agora?



JULGAR A PARTIR DA FÉ

“Que nenhum trabalhador fique desprovido de direitos”
(Papa Francisco - carta aos movimentos populares, 12/04/2020).

Arrancaí o explorado da mão do opressor

Os sofrimentos causados ao povo trabalhador por relações injustas entre patrões e empregados, clama aos céus. A Palavra de Deus e a Doutrina Social da Igreja retratam esse clamor. Por um lado, os trabalhadores manifestam seu estri-dente grito. Por outro, Deus manifesta sua misericórdia em favor dos pobres e mar-ginalizados.

Na saga da escravidão e libertação do Faraó, o nar-rador coloca estas palavras na boca de Javé: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios” (Ex 3,7-8). Os quatro verbos na primeira pessoa do singular – vi, ouvi, conheço e desci – revelam a experiência de um Deus vizinho e atento, sensível e solidário aos oprimidos. Além de ver, ouvir e conhecer, desce e caminha com o povo pelo deserto, o exílio e a diáspora em busca da Terra Prometida.

Não é diferente para as relações entre patrões e empregados. Diz o texto bíblico: “Pague-lhe o salário a cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é po-bre e sua vida depende disso (Dt 24, 15). Com a pre-carização do trabalho, cada vez mais o assalariado vê suas condições se deteriorarem. Não basta um empre-go estável. Não basta um salário justo. É necessário um compromisso sério e pontual com a justiça social. Veremos a mesma preocupação no documento inau-gural da Doutrina Social da Igreja, a Encíclica Rerum Novarum, publicada pelo papa Leão XIII em 1891.



Imagens: Arquivo PO.

No caso do movimento profético, o binômio direito e justiça caminha de mãos dadas com outro binômio: a denúncia da opressão/exploração e o anúncio dos “novos céus e nova terra”. O apelo é urgente: arrancai o explorado da mão do opressor, como diz o lema do título. A citação bíblica, porém, novamente aqui, põe em cena a questão da justa distribuição dos frutos do trabalho humano: “Vocês, de manhã, administrem a justiça e libertem o oprimido da mão do opressor” (Jr 21, 12).

Por fim, vamos ao apóstolo Tiago: “Vejam o salário dos trabalhadores que fizeram a colheita nos campos de vocês: retido por vocês, esse salário clama, e os protestos dos cortadores chegaram aos ouvidos do Senhor” (Tg 5, 4). Uma vez mais, a compaixão de Deus é a luz que deve iluminar toda e qualquer relação de trabalho.



Imagem: Arquivo PO.

Iluminação Bíblica

Jeremias 21,11-14 (o direito e a justiça a serviço dos/as oprimidos/as).



Imagem:www.cebi.org.br

DÊ SUA OPINIÃO

1 - Com o isolamento da pandemia da covid-19 vemos a importância da força de trabalho para a produção e crescimento da economia. Para você o governo federal está protegendo direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores ou está a serviço do empresariado que não quer assegurar o direito ao trabalho?

NOSSO COMPROMISSO

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB, 2019 a 2023, no número 106, destaca: “A solidariedade com quem sofre as consequências do desemprego e do trabalho precário, é, pois, uma expressão importante de caridade, devendo se manifestar pela atuação organizada dos cristãos leigos e leigas”.

Como estamos percebendo essa solidariedade em nossa comunidade? Quais ações/gestos concretos estão acontecendo?

AGIR EM MUTIRÃO

“Sempre houve uma amizade entre a Igreja e o trabalho, a partir de Jesus trabalhador. Onde houver um trabalhador ali estarão o interesse e o olhar de amor do Senhor e da Igreja. Penso que isto é claro”.

(Papa Francisco - visita pastoral a Gênova, 27 de maio de 2017)

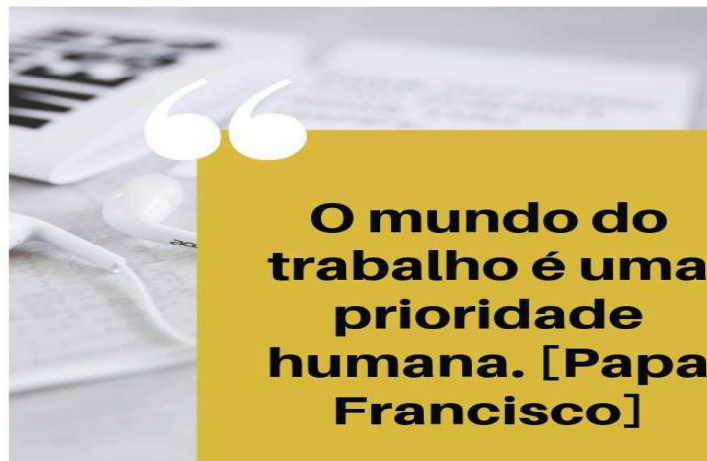
ORGANIZAÇÃO PARA ENFRENTAR A NOVA REALIDADE DO MUNDO DO TRABALHO: TECENDO A REDE DA VIDA!

R\$280 bilhões foram varridos da bolsa de valores brasileira, só na segunda-feira 9/03, segundo o Jornal Valor Econômico: “Na sexta-feira (06/03), as 70 empresas que tem ações no índice Ibovespa valiam, em conjunto, R\$ 3,369 trilhões. Perto das 12h45 de hoje (09/03), o valor de mercado somado delas era de R\$ 3,087 trilhões. No dia 21 de fevereiro, sexta-feira pré-Carnaval, a cifra era de R\$ 3,858 trilhões. Desde então, a perda acumulada já alcança R\$ 770 bilhões”

(Fonte: <https://valorinveste.globo.com>, acesso em 09/03/2020).

Ou seja, a burguesia perdeu muito dinheiro em pouco tempo. E agora vem com um discurso que é: ou vai trabalhar e arrisca pegar o vírus ou morre de fome. Isso, claro, para a classe trabalhadora. O que isso tem a ver com o título desse texto? Muito. Isso em outras palavras significa que essa burguesia quer mais e mais dos pobres diante de uma crise sanitária e econômica. Não querem deixar que o dinheiro público seja destinado para atender as necessidades dos mais vulneráveis e da saúde pública.

Desde o início dos anos 90, com a implantação das políticas neoliberais, essa destinação de recursos públicos para os ricos aumentaram dramaticamente. Hoje 2.153 bilionários detém uma riqueza equivalente a 4,6 bilhões de pessoas no mundo. Dois mil bilionários detém o equivalente a 60% da riqueza do mundo. Isso segundo dados da Oxfam de 2019. E a cada ano cresce essa disparidade. No Brasil seis



bilionários detêm uma riqueza igual a 100 milhões de brasileiros e brasileiras.

Você acha que essa dinheirama toda veio por trabalho e merecimento? Claro que não. Se olharmos a lista dos bilionários brasileiros vamos ver uma repetição de sobrenomes. Muitos ligados ao setor financeiro, protagonista dessa etapa de financeirização da economia. Você sabia que o presidente da FIESP não tem nenhuma indústria?

Para pensar o mundo do trabalho hoje é preciso enfrentar essas questões. Só existe economia porque tem trabalho. Só o trabalho gera riqueza. Por mais que nos digam que a tecnologia vai substituir totalmente o trabalho humano, não devemos acreditar. Está substituindo muitos postos de trabalho sim. Mas, não ao ponto de prescindir da força de trabalho. Já pensaram a ANBEV sem os entregadores de grades de cerveja de bar em bar? Ela pode até produzir a cerveja sem gente, mas, quem distribui? E quem trabalha está sendo absolutamente excluído de qualquer direito. Lutar por postos de trabalho hoje sem enfrentar o debate da destinação do dinheiro público para burguesia é chover no molhado.

Só em janeiro de 2020 foram destinados mais de R\$ 30 bilhões para os juros da dívida pública que remunera rentistas e alimenta o lucro dos bancos. Só em 2019 esse lucro líquido foi de R\$ 120 bilhões.

Já imaginaram a quantidade de dinheiro que a burguesia “economiza” em isenção e renúncia fiscal? E toda a infraestrutura que o Estado garante para as grandes empresas continuarem matando como é o caso da Vale? Tudo em nome do desenvolvimento e do emprego. Será?

Enquanto isso, a classe trabalhadora veio perdendo direitos e renda de maneira dramática nesses últimos 40 anos, pelo menos. Lembrando que é a classe trabalhadora quem paga impostos no Brasil. Ou seja, os recursos públicos, em parte, vêm da própria classe que não se beneficia dele: a classe trabalhadora. O falso discurso de empreendedorismo encantou por um tempo. Mas, será que agora, nesse contexto de colapso em que estamos, continuará sendo o canto da sereia? Sem direitos, sem renda. Como sobreviver?

Iniciativas com a autogestão, experiências de economia solidária e tantas outras são sementes da sociedade que sonhamos: os meios de produção nas mãos dos e das trabalhadoras e trabalhadores.

O capital controla nossas relações sociais, nosso tempo e nossa força de trabalho, e agora, nesta

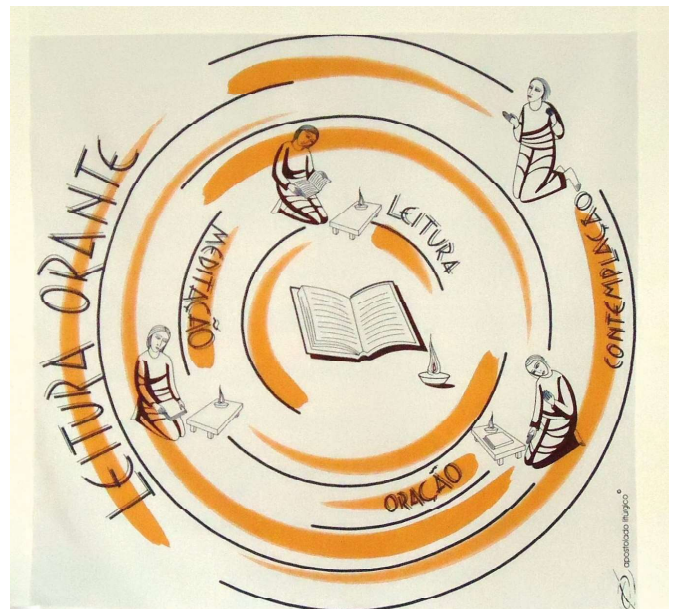
pandemia tremenda, os capitalistas querem continuar ganhando às custas da vida dos trabalhadores.

Só é possível pensar em saídas para mundo do trabalho se pensarmos em enfrentar o poder dos de cima, do capital financeiro, das transnacionais. Ao mesmo tempo em que precisamos sobreviver, precisamos criar formas de garantir a sustentação material da vida para além dos mercados. Toca-nos como classe trabalhadora “tecer a rede da vida”. E para tecer essa rede da vida precisamos nos livrar da rede de morte à qual o capital nos submete.

Temos grandes desafios diante de nós. O mundo está em colapso. A pandemia da Covid-19 deixa o rei nu. Não há mercado que dê conta da vida. As soluções que buscamos virão da nossa capacidade de encantar a classe para a luta por outro mundo.

Iluminação Bíblica

Lucas 9,10-17 (Jesus sacia a fome do povo com a multiplicação e partilha de pães e peixe).



DÊ SUA OPINIÃO

1 – Como você percebe na sua realidade essa diferença entre ricos e pobres?



NOSSO COMPROMISSO

1 - A comunidade que você participa fomenta a economia popular solidária?

2 - O que podemos fazer para nos organizarmos enquanto classe trabalhadora informal, precarizada, desempregada, após a pandemia da covid-19 e a baixa na economia?

VAMOS CELEBRAR

Recomendações: Diante da impossibilidade de realizar uma celebração em comunidade, propomos que se possível faça com a sua família ou alguns amigos e amigas, evitando aglomeração. Fortaleceremos assim nossa unidade em Cristo, bem como a Igreja nas casas.

Símbolos: Organizar o ambiente com um símbolo que represente o seu trabalho, uma bíblia e vela.

Memória: Iniciar recordando companheiras/os do trabalho, familiares, amigas/os.

Canto: Cantar ou ouvir a canção Sal da Terra (Beto Guedes). Em seguida destacar/repetir trechos da música, que mais chamaram atenção.



Anda!
 Quero te dizer nenhum segredo
 Falo desse chão, da nossa casa
 Vem que tá na hora de arrumar
 Tempo!
 Quero viver mais duzentos anos
 Quero não ferir meu semelhante
 Nem por isso quero me ferir
 Vamos precisar de todo mundo
 Pra banir do mundo a opressão
 Para construir a vida nova
 Vamos precisar de muito amor
 A felicidade mora ao lado
 E quem não é tolo pode ver
 A paz na Terra, amor
 O pé na terra
 A paz na Terra, amor
 O sal da
 Terra!

És o mais bonito dos planetas
 Tão te maltratando por dinheiro
 Tu que és a nave nossa irmã
 Canta!
 Leva tua vida em harmonia
 E nos alimenta com seus frutos
 Tu que és do homem, a maçã
 Vamos precisar de todo mundo
 Um mais um é sempre mais que dois
 Pra melhor juntar as nossas forças
 É só repartir melhor o pão
 Recriar o paraíso agora
 Para merecer quem vem depois
 Deixa nascer, o amor
 Deixa fluir, o amor
 Deixa crescer, o amor
 Deixa viver, o amor
 O sal da terra

Leitura Bíblica: (escolher umas das sugestões de leituras mais apropriada ao teu contexto)

- **Gn 31,38-42** (Deus defende o explorado Jacó contra o explorador Labão);
- **Is 58,3-10** (A verdadeira penitência que Deus quer);
- **Is 65,17-25** (A nova sociedade que Deus quer);
- **Jr 22,3-5** (Praticai o direito e a justiça. Livrai o explorado do opressor);
- **Mt 20,1-16** (Parábola dos trabalhadores desempregados);
- **Mt 25,31-46** (Juízo final: vai ter vida quem luta pela vida dos sem vida);
- **1Cor 1,26-28** (A sabedoria dos fracos derruba os grandes).

Para conversar...

1 – Quais lições aprendeu com esse texto bíblico para enfrentar as dificuldades em relação ao trabalho?

Preces: (rezemos preces espontâneas, além das preces aqui presentes).

1 – Rezemos pelas pessoas desempregadas, que não podem tirar do trabalho, o sustento seu e da sua família. Que o Senhor Ihe dê força espiritual e ajude encontrar saídas. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

2 – Rezemos pelas mulheres que encontram dificuldades no mundo do trabalho. Que sejam respeitadas e valorizadas, sem preconceito ou violência. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

3 – Rezemos pela juventude desalentada, que não estuda e nem trabalha, para que encontre motivação e oportunidade para superar o caminho de medo, de riscos, de morte. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

4 – Rezemos pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores da Economia Popular Solidária e da Agricultura Familiar, que encontrem sempre forças e motivação para que seu trabalho cresça sempre na justiça e no direito. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

5 – Rezemos pelas organizações sociais, governos, partidos políticos, sindicatos, associações, movimentos sociais, para que tenham a sabedoria de construir políticas públicas em benefício da justiça no mundo do trabalho. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

6 – Rezemos pela Pastoral Operária, ao celebrar seus 50 anos, possa ser sempre espaço de fortalecimento da luta das trabalhadoras e dos trabalhadores, pela justiça no mundo do trabalho e

o fim das desigualdades sociais. R: Senhor, socorrei-nos e libertai-nos!

Pai Nosso: Rezado ou cantado.

Nosso compromisso: ligar, enviar mensagem, fazer chamada de vídeo com alguém que você sabe que está desempregada/o para conversar, e se possível, oferecer alguma ajuda (cesta básica, alguma refeição, roupa em boas condições de uso).

Benção da final:

A benção de Deus de Sara, Abraão e Agar,
A benção de Deus Pai, Filho e Espírito Santo de amor,
Que cuida com carinho, qual mãe cuida da gente,
Esteja sobre todas e todos nós! Amém!

Que o Deus da vida e da ternura, nos abençoe hoje e sempre: Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

ORAÇÃO DAS DESEMPREGADAS E DESEMPREGADOS

Senhora mãe de Deus e nossa Mãe

Acolhe teus filhos e filhas em teu colo de protetor

A quem falta o trabalho, quanto desprezo, quanta dor Filhas e filhos sem culpa,
buscando o sustento

Ensina-nos a multiplicar o alimento, como nas Bodas de Caná,

Arranca de todos e todas o sofrimento, filhas e filhos sem culpa,
buscando identidade de um trabalho sem exploração e sem maldade

Ilumina a criatividade para novos trabalhos criar

Assim, afastamos o desemprego, que desola e tira sossego

E na certeza, Mãe querida, de que o trabalho produz a vida

Seguimos com nossa ação e na vossa proteção, construindo a plenitude, que aponta sinais. Mas

queremos mais: contigo e teus cuidados gloriosos,

Nos elevarmos como classe e derrubar os poderosos. **Amém.**

HISTÓRIA DO 1º DE MAIO

O Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras foi criado em 1889, por um Congresso de Trabalhadores realizado em Paris. A data foi escolhida em homenagem à greve geral, que aconteceu em 1º de maio de 1886, em Chicago, o principal centro industrial dos Estados Unidos, naquela época. Milhares de trabalhadoras/es foram às ruas para protestar contra as condições de trabalho desumanas às quais eram submetidos e exigir a redução da jornada de trabalho de 13 para 8 horas diárias.



Naquele dia, manifestações, passeatas, piquetes e discursos movimentaram a cidade. Mas a repressão ao movimento foi dura: houve prisões, feridos e até mesmo mortos nos confrontos entre as/os operárias/os e a polícia. Em memória dos mártires de Chicago, das reivindicações operárias que nessa cidade se desenvolveram em 1886 e por tudo o que esse dia significou na luta das/os trabalhadoras/es pelos seus direitos, servindo de exemplo para o mundo todo, o dia 1º de maio foi instituído como o Dia Internacional dos Trabalhadores e das Trabalhadoras.

DÊ SUA OPINIÃO

No meio em que você convive no trabalho, o 1º de maio é anunciado como um feriado do “dia do trabalho” ou “dia internacional das trabalhadoras e dos trabalhadores”?

NOSSO COMPROMISSO

Como fazer que o dia 1º de maio seja reconhecido como um dia de luta da classe trabalhadora e não um simples feriado do “dia do trabalho”?

6ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, juntamente com os Movimentos Sociais, Organizações da Sociedade Civil, Igrejas, Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, realizará no período de 2020 a 2022 a **6ª Semana Social Brasileira**, com o tema **Mutirão pela Vida: por Terra, Teto e Trabalho**; tendo por objetivo articular pessoas, igrejas, movimentos sociais, e a sociedade brasileira, construindo o bem-viver sem desigualdades, discriminações e preconceitos, propondo e assumindo ações concretas para conquista da Terra, Teto e Trabalho para todas as pessoas, especialmente as mais pobres.

A 6ªSSB será realizada em um contexto da realidade social que está desafiando a sociedade, o poder público e organizações sociais para o exercício da defesa dos direitos, através dos

eixos da **democracia, economia e soberania**.

Nesse **período de 2020 a 2022** serão realizados mutirões de reflexão sobre a conjuntura e os principais desafios na concretização do direito à Terra, Teto e Trabalho. Para iniciar o processo, será realizado o Seminário Nacional para multiplicadores da 6ªSSB. Na sequência, o processo acontecerá nos estados, dioceses, municípios, comunidades. As

ações ou mutirões nas bases, deve envolver igrejas e organizações sociais populares, de modo especial aquelas e aqueles que lutam por terra, teto e trabalho. E em 2022, a etapa nacional da Semana Social Brasileira, como espaços de divulgação das experiências que expressem o Bem-Viver e ações como gesto profético de luta para que todas as pessoas tenham seus direitos respeitados e garantidos.

A **Pastoral Operária** participa ativamente das Semanas Sociais Brasileiras desde quando se iniciaram no Brasil em 1991. Nesta 6ªSSB também somos interpeladas/os a nos envolvermos, desde os grupos, as comunidades, dioceses, regional, nacional.



INFORME-SE MAIS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO:

<http://www.pastoraloperaria.org.br/>

<https://www.facebook.com/pastoraloperarianacional>

<https://www.cptnacional.org.br/>

<http://www.ihu.unisinos.br/>

<https://www.dieese.org.br/>

<http://www.diap.org.br/>

<https://www.gritodosexcluidos.com/>

<http://www.jubileusul.org.br/>

Sempre houve uma
amizade entre a **Igreja**
e o **trabalho**, a partir
de **Jesus trabalhador**
[**Papa Francisco**]



PAPA FRANCISCO

“Penso sobretudo nas trabalhadoras: o desafio é tutelar, ao mesmo tempo, quer o seu direito a um trabalho plenamente reconhecido quer a sua vocação à maternidade e à presença na família. Quantas vezes, quantas vezes ouvimos que uma mulher foi ter com o chefe para lhe dizer: ‘Tenho que lhe comunicar que estou grávida’ — ‘A partir do fim de mês já não vais trabalhar’. A mulher deve ser preservada, ajudada neste duplo trabalho: o direito a trabalhar e o direito à maternidade.”

(Papa Francisco - discurso à União Cristã de Empresários Dirigentes, 31 de outubro de 2015)



Pastoral Operária

PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL

Rua Guarapuava, 317, Mooca-SP

CEP.: 03164-150

Telefone: (11) 2695-0404

E-mail: pastoral.operaria.nacional@gmail.com

Site: WWW.pastoraloperaria.org.br